

Autoria feminina nas trilhas musicais do cinema brasileiro: um panorama entre os anos 1995 e 2019

Suzana Reck Miranda
Universidade Federal de São Carlos
suzana@ufscar.br

Geórgia Cynara Coelho de Souza
Universidade Estadual de Goiás
georgia.cynara@ueg.br

Debora Regina Taño
Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro
debora.tano@unirio.br

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa voltada ao mapeamento da presença feminina na composição de trilhas musicais para o cinema brasileiro, com o objetivo de dar visibilidade a essas profissionais e valorizar suas contribuições artísticas, historicamente invisibilizadas. A investigação buscou não apenas identificar quem são essas compositoras, mas também dimensionar a desigualdade de gênero presente nesse campo específico da produção cinematográfica. O recorte temporal abrange os filmes lançados comercialmente entre 1995 e 2019, período que se inicia com a chamada retomada do cinema brasileiro e vai até o ano anterior à pandemia de Covid-19, momento marcado por um crescimento progressivo na produção cinematográfica, estimulado por políticas públicas e leis de incentivo. Mais do que a evidente iniquidade de gênero, os resultados indicaram que poucas compositoras conseguem assinar trilhas musicais de forma individual ou consolidar uma trajetória contínua nessa função, o que colabora para um apagamento em relação à participação das mulheres na criação musical para filmes.

Palavras-chave: Trilha musical, Cinema brasileiro, Compositoras, Mapeamento, Desigualdade de gênero.

Female Authorship in Brazilian Film Scoring: An Overview from 1995 to 2019

Abstract: This article presents the findings of a study focused on mapping the presence of women in the field of film scoring within Brazilian cinema. The primary aim is to shed light on the contributions of female composers, whose artistic work has historically been rendered invisible. In addition to identifying these composers, the research also seeks to quantify gender disparity in this specific domain of film production. The study examines films that were commercially released in Brazil between 1995 and 2019 - a period that begins with the so-called "retomada" (revival) of Brazilian cinema and ends just before

the outbreak of the Covid-19 pandemic, during which film production expanded steadily due to public funding and cultural incentive policies. Beyond highlighting the evident gender imbalance, the results reveal that few women succeed in composing film scores independently or in establishing long-term careers in the field. This lack of continuity and authorship contributes to the persistent marginalisation of women's creative presence in Brazilian film music.

Keywords: Film music composition, Brazilian cinema, Female composers, Survey, Gender inequality.

Introdução

No célebre ensaio *Um teto todo seu*, publicado pela primeira vez em 1929, Virginia Woolf, ao refletir sobre a presença das mulheres na literatura, aponta que sempre haveria alguém para afirmar que as mulheres “não podem” ou “não são capazes” de fazer algo. Na literatura, segundo ela, esse preconceito já demonstrava sinais de enfraquecimento, graças à existência de romancistas de mérito. No entanto, advertia: “para as pintoras, isso deve trazer algum tormento; e para as musicistas, imagino, é ainda hoje ativo e venenoso ao extremo” (Woolf, 1985, p. 71). Woolf referia-se diretamente às compositoras, e, quase cem anos depois, sua observação ainda ecoa com força no cenário musical – seja ele norte-americano, europeu, ou do sul global.

Tânia Neiva (2018, p. 1–2) observa que vivemos um momento historicamente privilegiado, marcado por múltiplos debates feministas em diferentes esferas. No entanto, esse avanço não se traduz, necessariamente, em tempos promissores. A desigualdade de gênero persiste em diversos campos, acompanhada por índices alarmantes de violência contra as mulheres. Em suas pesquisas, Neiva (2018, 2019a, 2019b, 2022) tem se dedicado a evidenciar a baixa representatividade feminina na composição de músicas de concerto no Brasil. Ao mesmo tempo em que aprofunda o estudo da obra de compositoras dos séculos XX e XXI, a autora resgata debates sobre a histórica hegemonia masculina nas estruturas de poder da música erudita europeia e seus desdobramentos no contexto brasileiro – inclusive nas instituições de ensino. Mesmo hoje, as mulheres são minoria tanto na docência quanto entre os estudantes dos cursos de composição nas universidades, têm suas obras raramente executadas por grupos de destaque e são pouco mencionadas nos livros de história da música brasileira.

Além de Tânia Neiva, Isabel Porto Nogueira (2017, 2019, 2022) e Laila Rosa (2018, 2019) são referências de destaque em pesquisas sobre a presença feminina na música brasileira. Seus trabalhos dialogam tanto com os estudos feministas da musicologia anglo-americana (McClary, 1991; Citron, 1993; Cusick, 2001) quanto perspectivas interseccionais (Crenshaw, 2013; Akotirene, 2018) e decoloniais (Anzaldúa, 2005; Curiel, 2010). Isabel Porto Nogueira também organizou com Susan Campos Fonseca a coletânea *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas* (2013), uma obra fundamental que reúne artigos voltados à interseção entre música, estudos de gênero, performance e epistemologias críticas. São textos que valorizam os estudos feministas, *queer* e pós-coloniais ao invés de paradigmas hegemônicos da musicologia tradicional.

Neste contexto, vale rapidamente lembrar que no campo acadêmico internacional, os estudos que articulam música e feminismo ganharam visibilidade especialmente a partir da publicação

de *Feminine Endings: Music, Gender, Sexuality* (1991), de Susan McClary. Seus ensaios propõem uma leitura crítica e feminista de obras canônicas – como as de Bizet, Monteverdi, Tchaikovsky e Beethoven – ao lado de produções contemporâneas de compositoras como Janika Vandervelde, Laurie Anderson e Madonna. McClary lança questões até então pouco exploradas: a ausência de mulheres no cânone da música ocidental, a escassez de crítica feminista nos estudos musicológicos, e a construção de convenções musicais associadas a ideias de gênero. Ancorada na “nova musicologia”, que entende a música como discurso social, McClary investigou temas como desejo, prazer, sexualidade e corpo – provocando reações diversas, inclusive entre mulheres acadêmicas. Ainda assim, sua obra foi um marco para o florescimento das abordagens feministas na musicologia.

No entanto, antes mesmo da ampla circulação da musicologia de cunho feminista no Brasil, o interesse pelas compositoras brasileiras paulatinamente foi se materializando, conforme nos mostra o artigo de Zerbinatti, Nogueira e Pedro, (2018), que apresenta um mapeamento de teses, dissertações e livros que tratam da presença feminina no contexto musical sob variadas perspectivas. Dos 141 trabalhos catalogados pelas autoras, desenvolvidos entre os anos 1978 e 2017, 43 versam sobre compositoras, sendo 11 deles dedicados à Chiquinha Gonzaga. Um dos trabalhos nos chamou mais a atenção: a pesquisa de pós-doutorado de Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel (2018), que traçou uma cartografia das compositoras brasileiras do século XX, tanto de música popular quanto erudita, reunindo 4.266 nomes.

Laila Rosa e mais seis pesquisadores já haviam realizado um mapeamento de estudos sobre mulheres e música realizados no Brasil entre 2007 e 2011. Os resultados foram publicados no livro organizado por Isabel Porto Nogueira e Susan Campos Fonseca, que mencionamos anteriormente. No capítulo intitulado *Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: algumas reflexões* (2013), Rosa e os demais autores elencaram 46 trabalhos (entre artigos, teses e dissertações), dos quais 10 são sobre compositoras. Os pesquisadores destacaram que, em termos comparativos, o número de estudos com esse recorte ainda é bastante reduzido.

Apesar dos avanços, ainda que tímidos, nós identificamos outra lacuna significativa: raramente os estudos existentes englobam e/ou discriminam a participação feminina na composição de trilhas sonoras originais para cinema, TV ou outras mídias audiovisuais. As poucas informações geralmente circulam em menções laterais e anexas¹ – evidenciando um apagamento dentro de um notório apagamento. Foi essa constatação que motivou as

¹ Um exemplo é a dissertação de mestrado *Esther Scliar: um olhar perceptivo*, defendido na ECA/USP em 2002, que aborda a vida e a obra da compositora e analisa a sua Sonata para Piano. Nela, há somente breves menções de que Scliar compôs a trilha musical do filme *A Derrota* (1966), de Mario Fiorani. Cabe destacar que, com esta composição, Scliar ganhou o prêmio de melhor trilha sonora original no Festival de Cinema de Brasília.

perguntas centrais de nossa investigação: (1) Quem e quantas são as mulheres que assinam trilhas musicais originais no cinema brasileiro? (2) Qual é o tamanho da desigualdade de gênero nesse campo? (3) Que fatores contribuem para a invisibilidade dessas compositoras?

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa² que analisou 1907 filmes brasileiros lançados comercialmente entre 1995 e 2019 em salas de cinema do país, período que compreende a chamada retomada³ do cinema brasileiro até o ano anterior ao início da pandemia de Covid-19. Ao longo desses anos houve um crescimento gradual na produção de longas-metragens, impulsionado principalmente por editais públicos e recursos provenientes de leis de incentivo. Esses mecanismos de financiamento geralmente asseguram orçamentos que permitem a destinação de uma parcela específica para a composição da trilha musical. Trata-se de um segmento altamente disputado entre compositores de música para cinema, uma vez que oferece ampla visibilidade e circulação, seja em salas de cinema, festivais nacionais e internacionais, ou em plataformas de streaming.

Caminhos metodológicos

O levantamento teve como base a lista oficial do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA/Ancine, 2024), na qual constam 1907 filmes lançados comercialmente entre 1995 e 2019. Da listagem, além dos títulos dos filmes e respectivos anos de lançamento, destacamos para a pesquisa as informações relativas à direção, empresa produtora, UF da empresa produtora majoritária e gênero (ficção, documentário ou animação). Em cada filme, fomos atrás das informações sobre a autoria da trilha musical. Consultamos os créditos dos filmes que encontramos nas plataformas de streaming e em nossos próprios acervos, analisamos materiais de divulgação como trailers e cartazes, acessamos sites especializados e bases de dados, como o repositório da Cinemateca Brasileira (Cinemateca Brasileira, 2024) e o International Movie Database Pro (IMDbPro, 2024). Durante essa etapa, percebemos duas questões importantes: a imprecisão frequente das informações sobre quem são os autores das trilhas originais e a variedade de nomenclaturas utilizadas — Trilha Sonora Original, Música, Trilha Sonora, Direção Musical, entre outras.

Depois de levantarmos os nomes e os tipos de crédito, organizamos as informações em duas categorias: música pré-existente (ou trilha de compilação) e composição original. Essa distinção nos permitiu entender qual é o espaço ocupado pela música criada especialmente

² Esta pesquisa foi parcialmente financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número: 2024/02038-0.

³ A extinção da Embrafilme em 1990 causou um forte abalo na produção cinematográfica brasileira. A retomada do setor só foi possível com o fim do governo Collor, quando novas leis de incentivo foram criadas. Os filmes feitos entre 1995 e 2002 costumam ser designados como 'cinema da retomada'.

para o cinema dentro do total de filmes produzidos no país. Dos 1.907 filmes analisados, em 49 não encontramos nenhuma informação sobre a trilha musical. Já 395 (20,7%) utilizam trilhas de compilação, enquanto 1.463 (76,7%) contam com músicas compostas originalmente. Vale ressaltar que muitos filmes combinam trilhas originais e pré-existentis; nesses casos, optamos por classificá-los como trilha original, por incluírem composições feitas especificamente para a obra.

Com os 1.463 filmes que contam com música original, identificamos os responsáveis pelas trilhas e os classificamos de acordo com o gênero do nome — masculino, feminino, banda/conjunto ou empresas, como estúdios de gravação e pós-produção. Essa categorização nos permitiu quantificar os filmes que contam com participação feminina na composição musical, como detalhado na Tabela 1.

Tabela 1 - Quantidade de filmes por gênero da composição.

Gênero	Filmes	%
Homem	1301	88,9%
<i>Mulher e homem</i>	53	3,6%
Banda	43	2,9%
<i>Mulher</i>	26	1,8%
Homem e banda	22	1,5%
Empresa	10	0,7%
Homem e empresa	5	0,3%
<i>Mulher, homem e banda</i>	3	0,2%
Total	1463	100,0%

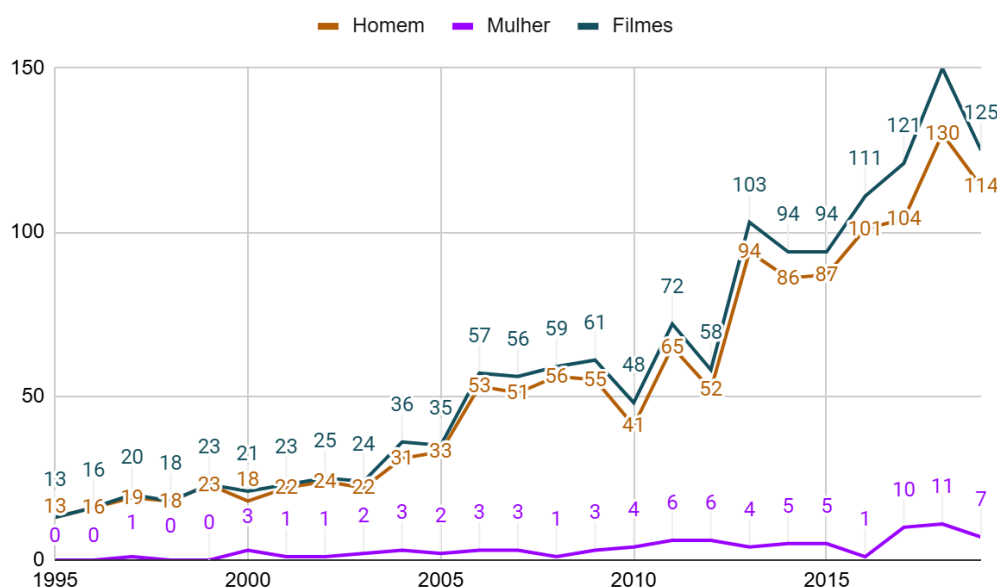
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A partir dos dados da Tabela 1, conseguimos identificar quantos filmes contam com ao menos um nome feminino na composição da trilha musical. Somando as linhas em *itálico*, chegamos a 82 títulos — o que representa apenas 5,6% dos filmes com música originalmente composta. No entanto, ao analisarmos cada caso, excluímos três coproduções com outros países que não envolviam equipes brasileiras. Com isso, encerramos nosso levantamento com 79 filmes, ou 5,4% do total.

Para evidenciar a disparidade entre os filmes que contam ou não com mulheres na composição musical, organizamos os dados por ano de lançamento e gênero das pessoas responsáveis pela trilha. No Gráfico 1, observamos claramente a distância entre as curvas

referentes a homens e mulheres, além da semelhança entre a curva de filmes com trilha original lançados no ano e a curva de composição masculina. Vale destacar que, na curva feminina, há trilhas compostas em parceria com homens, como veremos mais adiante. Para facilitar a visualização, decidimos retirar do gráfico os filmes compostos exclusivamente por bandas ou empresas. Como representam um número muito pequeno em comparação com os dados de homens e mulheres, essa exclusão não compromete a análise geral.

Gráfico 1 - Nomes femininos e masculinos na composição por ano.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Atuação das compositoras no cinema brasileiro

Depois da etapa quantitativa, partimos para a análise qualitativa dos 79 filmes que contam com participação feminina na composição musical. Assistimos aos filmes e buscamos informações complementares para entender melhor o papel das mulheres nesse processo criativo. Fizemos uma checagem cuidadosa dos créditos iniciais e, principalmente, dos finais — que costumam trazer detalhes mais completos sobre autoria: fonogramas, instrumentistas, músicas adicionais e pré-existentes.

Com base nesses dados, organizamos os 79 filmes segundo o tipo de participação e o protagonismo feminino na trilha musical. Identificamos cinco formas principais de inserção das mulheres⁴: a) filmes em cuja trilha musical a autoria integral é feminina; (b) filmes com trilhas em coautoria simétrica entre mulheres e homens; (c) filmes com trilha em coautoria

⁴ Estas cinco formas (ou categorias) já foram utilizadas em um artigo anterior, no qual apresentamos dados parciais desta pesquisa (MIRANDA, TAÑO, SOUZA, 2025).

assimétrica entre mulheres e homens (com protagonismo masculino); (d) filmes com mulheres apenas na trilha musical adicional; (e) filmes cujas trilhas têm mulheres assinando a canção original.

Autoras integrais de trilhas

No Quadro 1, destacamos os 19 filmes – de um total de 79 analisados – cuja trilha musical foi composta integralmente por uma mulher. Identificamos 16 compositoras diferentes, com destaque para Vivian Aguiar-Buff, cujo nome aparece com mais frequência: ela assina a trilha de três produções, sendo duas do Rio de Janeiro e uma de São Paulo. Em seguida, temos a Mariana Camargo, creditada em dois filmes cariocas.

Quadro 1 - Composição original com autoria de uma mulher.

Ano	Título Filme	Direção	Gênero	UF da produtora	Trilha
2000	Gêmeas	Andrucha Waddington	Ficção	RJ	Michelle DiBucci
2007	3 Efes	Carlos Gerbase	Ficção	RS	Laura L, Músicas Intermináveis para Viagem
2007	A História das Três Marias	Silvana Soares/Zackia Resende	Ficção	MG	Iara de Andrade
2008	O Retorno	Rodolfo Nanni	Documentário	SP	Anna Maria Kieffer
2010	Como Esquecer	Malu de Martino	Ficção	RJ	Bia Paes Leme
2011	A Antropóloga	Zeca Pires	Ficção	SC	Silvia Beraldo
2012	Disparos	Juliana Reis	Ficção	RJ	Mariana Camargo
2014	Causa e Efeito	André Marouço	Ficção	SP	Kethelin Cocchi
2014	Confissões de Adolescente - o Filme	Cris D'Amato/Daniel Filho	Ficção	RJ	Olivia Byington
2017	Santo Amaro era skatista	Felipe Martins	Documentário	RJ	Marion Lemonnier
2017	Para além da curva da estrada	Guilherme Azevedo	Documentário	RJ	Paula Leal
2017	Vermelho Russo	Charly Braun	Ficção	SP	Candelaria Saenz Valiente
2018	Chega De Fiu Fiu	Amanda K. Lemos/Fernanda Alves Frazao	Documentário	SP	Luisa Puterman
2018	Canastra Suja	Caio Soh	Ficção	RJ	Maria Gadú
2018	Não Se Aceitam Devoluções	Andre Torres Moraes	Ficção	RJ	Vivian Aguiar-Buff
2018	Crô Em Família	Cininha de Paula	Ficção	RJ	Vivian Aguiar-Buff
2019	Marcia Haydée - uma vida pela dança	Daniela Kallmann	Documentário	RJ	Mariana Camargo
2019	O Galã	Francisco Ramalho Jr.	Ficção	SP	Vivian Aguiar-Buff
2019	Torre das Donzelas	Susanna Lira	Documentário	RJ	Flávia Tygel

Fonte: Elaboração das autoras

As demais 14 compositoras assinam, cada uma, a trilha de um único filme. Desses, sete foram realizados no Rio de Janeiro, quatro em São Paulo, um em Minas Gerais, um em Santa Catarina e um no Rio Grande do Sul. Notamos que dos 19 filmes da tabela, 17 são da Região Sudeste e apenas dois da Região Sul – demonstrando a disparidade geográfica e concentração dessa produção. Vale lembrar que essa disparidade diz respeito à produção cinematográfica brasileira como um todo, e não apenas aos filmes com trilhas de mulheres.

Observamos também que, das 22 pessoas responsáveis pela direção desses 19 filmes, dez são mulheres. E todos os filmes dirigidos e/ou co-dirigidos por elas foram realizados no Sudeste, nos estados do Rio de Janeiro (seis filmes), São Paulo (um) e Minas Gerais (um).

Outro dado que chama atenção é o predomínio da ficção entre os filmes trilhados integralmente por mulheres: são 13 obras ficcionais, frente a seis documentários. Como a ficção costuma demandar orçamentos mais elevados, é inevitável relacionar esse dado à concentração desses filmes nas regiões Sudeste e Sul – justamente as áreas com maior concentração de renda do Brasil.

Coautoria simétrica entre compositoras e compositores

Já no Quadro 2, identificamos que, entre os 79 filmes com mulheres na trilha musical entre 1995 e 2019, 12 contam com compositoras e compositores assinando em coautoria, em condições de igualdade e visibilidade. Desses, três ficções – duas do Rio de Janeiro e uma coprodução RJ-MG – em que Flávia Ventura assina a trilha ao lado de David Tygel. Em outras duas ficções cariocas, Vivian Aguiar-Buff está como coautora, dividindo a criação com André Moraes. Nos sete filmes restantes da tabela, aparecem sete compositoras diferentes ao lado de outros sete nomes masculinos.

Quadro 2 - Composição de mulher e homem de em coautoria simétrica

Ano	Título Filme	Direção	Gênero	UF da produtora	Trilha
2003	Histórias do Olhar	Isa Albuquerque	Ficção	RJ	David Tygel, Flávia Ventura
2009	Ouro Negro	Isa Albuquerque	Ficção	RJ	David Tygel e Flávia Ventura
2012	Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios	Beto Brant/Renato Ciasca	Ficção	SP	Simone Sou , Alfredo Bello
2013	Kátia	Karla Holanda	Documentário	CE	Rita Ribeiro , Felipe Pinaud
2014	Mão na Luva	José Joffily/Roberto Bomtempo	Ficção	RJ/MG	David Tygel, Flávia Ventura
2016	Apaixonados - O Filme	Paulo Fontenelle	Ficção	RJ	Vivian Aguiar-Buff , André Moraes
2017	Olhando para as estrelas	Alexandre Peralta	Documentário	SP	Alexis Marsh &

					Samuel Jones
2017	Historietas Assombradas – O Filme	Victor-Hugo Borges	Animação	SP	Corey Gorey e Julia Ghoulia
2017	Amor.com	Anita Barbosa	Ficção	RJ	André Moraes, Vivian Aguiar-Buff
2018	O Jabuti e a Anta	Eliza Capai	Documentário	ES	Fábio Goes, Tami Belfer
2018	O Colar De Coralina	Reginaldo Gontijo	Ficção	DF	Carine Corrêa , João Ferreira
2019	A Pedra da Serpente	Fernando Sanches	Ficção	SP	Dricka Lima , Paulinho Corcione

Fonte: Elaboração das autoras

Cabe esclarecer que Flávia Ventura, a autora mais recorrente aqui, também é conhecida como Flávia Ventura Tygel. Neste grupo de filmes, ela assina trilhas em coautoria com David Tygel, mas na categoria anterior, quando assinou uma trilha integralmente, utilizou somente o sobrenome Tygel.

O estado do Rio de Janeiro segue liderando o número de produções nesta categoria: cinco produções são cariocas, sendo uma delas a citada coprodução com Minas Gerais. Quatro filmes são de São Paulo, um do Espírito Santo, um do Ceará e outro do Distrito Federal. Como veremos, esta será a única categoria em que a Região Centro-Oeste aparecerá em nosso recorte - com apenas este filme do DF -, e uma das duas categorias em que o Nordeste figurará, aqui, também com uma obra.

Dos 14 diretores de filmes presentes nesta categoria, cinco são mulheres, e dos filmes dirigidos por elas, quatro são do Sudeste (três ficções do RJ, um documentário do ES) e um documentário do Ceará. Mais uma vez, notamos a predominância da ficção: dos 12 filmes trilhados por mulheres e homens de forma igualitária, oito são ficções, três são documentários e um é uma animação.

Coautoria assimétrica

Conforme nos mostra o Quadro 3, as coautorias assimétricas entre mulheres e homens apresentam o maior número de filmes. São 22 produções, todas concentradas no Sudeste (19) e no Sul (três) do país.

Quadro 3 - Compositoras na coautoria, mas com maior atuação no nome masculino.

Ano	Título Filme	Direção	Gênero	UF da produtora	Trilha
2000	Hans Staden	Luiz Alberto Pereira	Ficção	SP	Marlui Miranda , Lelo Nazário
2004	Cine Gibi da Turma da Mônica - O Filme	José Márcio Nicolosi	Animação	SP	Danilo Adriano, Marcelo Souza, Marcio Araujo, Marcio Araujo, Vânia Pinheiro , Pedro

					Pinheiro
2006	O Sol - Caminhando Contra o Vento	Tetê Moraes	Documentário	RJ	David Tygel, Flávia Ventura Tygel
2007	Conceição - Autor Bom É Autor Morto	Daniel Caetano/Guilherme Sarmiento/Samantha Ribeiro	Ficção	RJ	Jards Macalé, Gabriel Improta, Cadu Pereira, Voz Del Fuego/ Leandra Lambert , José da Silva e sua faca
2010	O Amor Segundo B. Schianberg	Beto Brant	Ficção	SP	YB music, Ezsoundtrax, Simone Sou , Alfredo Bello
2010	Luto Como Mãe	Luis Carlos Nascimento	Documentário	RJ	Daniela Pastore , JJ Aquino, Jomar Schrank, Wladimir Rocha
2011	A Fuga da Mulher Gorila	Felipe Bragança	Ficção	RJ	Felipe Bragança, Flora Dias , Morena Catonni , Alberto Moura Jr.
2011	Os Residentes	Thiago Mata Machado	Ficção	MG	André Wakko, Juan Rojo, David Lansky, Vanessa de Michellis
2011	Top Models – um Conto de Fadas Brasileiro	Richard Luiz	Documentário	SP	Layma Leyton , Max Blum, Iggor Cavaleira
2011	Bollywood Dream – o Sonho Bollywoodiano	Beatriz Seigner	Ficção	SP	R. Raghavendra, Lorena Lobato
2012	Menos Que Nada	Carlos Gerbase	Ficção	RS	Marcelo Fornazier, Biba Meira , Nenung
2012	A Novela das Oito	Odilon Rocha	Ficção	SP	Tejo Damasceno, Tita Lima , Rossano Snel
2013	Simone	Juan Zapata	Ficção	RS	Luiza Caspary , Everton Rodrigues
2013	Super Nada	Rubens Rewald	Ficção	SP	Claudio Faria, Natalia Mallo , Danilo Penteado, Mariá Portugal , Camilo Froideval, Raul Vizzi
2013	Elena	Petra Costa	Documentário	SP	Vitor Araújo, Fil Pinheiro, Maggie Hastings Clifford , Gustavo Ruiz
2014	A Primeira Missa ou Tristes Tropeços, Enganos e Urucum	Ana Carolina	Ficção	RJ	Matias Capovilla, Paulo Herculano, Tunica Teixeira
2015	Rio Cigano	Julia Zakia	Ficção	SP	Vinicius Calvitti, Bruno Palazzo, Amela Vucina
2015	Entrando numa roubada	André Moraes	Ficção	RJ	André Moraes, Vivian Aguiar-Buff
2017	Muito Romântico	Gustavo Jahn/Melissa Dullius	Ficção	SC/RS	Distruktur - Gustavo Jahn, Melissa Dullius
2017	Internet - O Filme	Filippo Capuzzi Lapietra	Ficção	SP	Felipe Vassão, Janecy Nascimento
2018	Alguém Como Eu	Leonel Vieira	Ficção	SP	Instituto, Tami Belfer , Thiago Liguori

2019	Eu Sou Mais Eu	Pedro Amorim	Ficção	SP	Instituto, Tami Belfer , Thiago Liguori
------	----------------	--------------	--------	----	---

Fonte: Elaboração das autoras

É importante destacar, como já apontamos em artigo anterior (MIRANDA, TAÑO E SOUZA, 2025, 13) que “o que estamos considerando como maior protagonismo” refere-se a duas situações: quando um único nome feminino aparece ao lado de dois ou mais homens ou quando a mulher contribuiu com um número menor de faixas da trilha musical. Ademais, de um modo geral no quadro ilustrativo desta categoria (Quadro 3), a desigualdade por si só se faz evidente: temos 67 nomes de compositores e três empresas ou bandas vinculados a esses filmes, sendo apenas 23 nomes femininos. O único nome que se repete (apenas uma vez) neste quadro é o de Tami Belfer, sendo que os nomes de Vivian Aguiar-Buff, Flávia Ventura Tygel e da percussionista e baterista brasileira Simone Sou aparecem também em outras categorias de nossa análise.

Entre as produções do Sudeste, 12 são de São Paulo, seis do Rio de Janeiro e uma de Minas Gerais. Dentre as da Região Sul, duas são do Rio Grande do Sul e uma é uma coprodução entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina. E dos 25 diretores envolvidos nos filmes, apenas sete são mulheres e duas delas atuam como co-diretoras. Dos filmes dirigidos ou co-dirigidos por elas, seis são do Sudeste (um documentário e duas ficções do RJ; um documentário e duas ficções de SP) e um do Sul (uma ficção coproduzida entre RS e SC). Além disso, desses 22 filmes trilhados por mulheres e homens de forma assimétrica, ainda percebemos a predominância da ficção (17 filmes), em relação ao documentário (quatro filmes) e à animação (um filme).

Compositoras de música adicional

Em 10 dos 79 filmes selecionados, sete compositoras criaram a música adicional. Desses filmes, apenas um é da Região Sul (Paraná), enquanto os outros nove são do Sudeste: sete do Rio de Janeiro e dois de São Paulo. Nomes já mencionados em outras categorias reaparecem aqui, como Flávia Ventura, Silvia Beraldo, Tami Belfer e Júlia Ghoulia. Fernanda Porto é a única compositora que figura duas vezes nesta categoria específica.

Quadro 4 - compositoras de música adicional.

Ano	Título Filme	Direção	Gênero	UF da produtora	Trilha adicional
1997	O Velho - A História De Luiz Carlos Prestes	Toni Venturi	Documentário	SP	Fernanda Porto é creditada nesta função nos créditos finais do filme.

2000	Cruz e Sousa - o Poeta do Desterro	Sylvio Back	Ficção	PR	Silvia Beraldo fez a pesquisa musical e criou arranjos originais
2002	Gregório de Mattos	Ana Carolina	Ficção	RJ	Virgínia Rodrigues é autora de uma música original, sendo que o filme possui uma seleção de várias músicas.
2004	Onde Anda Você	Sergio Rezende	Ficção	RJ	Flávia Ventura Tygel é responsável pela trilha adicional e também por alguns arranjos (A trilha principal do filme é de David Tygel)
2005	Cabra-Cega	Toni Venturi	Ficção	SP	Fernanda Porto , creditada como autora de música adicional, fez arranjos originais para várias canções da MPB que integram a trilha do filme
2006	O Homem Pode Voar - a Saga de Santos Dumont	Nelson Hoineff	Documentário	RJ	Flávia Ventura Tygel assina a trilha adicional e também alguns arranjos (A trilha principal é de David Tygel)
2009	Fumando Espero	Adriana Dutra	Documentário	RJ	Fabiana Egrejas assina com Carlos Dubas a trilha musical de algumas animações que o documentário possui.
2014	Copa de Elite	Vitor Brandt	Ficção	RJ	Julia Ghoulia assina com Corey Gorey a trilha adicional (A trilha principal é de André Moraes)
2017	Detetives do Prédio Azul	André Pellenz	Ficção	RJ	Tami Belfer e Thiago Nemecek assinam música e arranjos adicionais. (Filme com várias canções, com produção musical de Fábio Goes)
2018	O Paciente - o caso Tancredo Neves	Sérgio Rezende	Ficção	RJ	Flávia Tygel assina a trilha adicional (A trilha principal é de David Tygel)

Fonte: Elaboração das autoras

Entre os dez diretores dos filmes incluídos nesta categoria, apenas duas são mulheres. Ambos os filmes dirigidos por elas são produções cariocas — um documentário e uma ficção — e contam com trilhas que incluem música adicional composta por mulheres em coautoria com homens. Além disso, entre os 10 filmes analisados, a predominância continua sendo da ficção, com oito títulos, enquanto os documentários somam três.

Compositoras de canção original

Por fim, o Quadro 5 apresenta a última categoria de nossa análise: compositoras de canções originais que integram a trilha musical dos filmes. Essas contribuições são pontuais e, por isso, não recebem o mesmo destaque que a autoria da trilha principal.

Quadro 5 - Compositoras de canção original

Ano	Título Filme	Direção	Gênero	UF da produtora	Trilha
2001	Copacabana	Carla Camurati	Ficção	RJ	Bia Pontes é autora de uma canção original. O filme possui trilha musical de compilação
2003	Apolônio Brasil, Campeão da Alegria	Hugo Carvana	Ficção	RJ	Sueli Costa assina uma canção original. Filme tem música original e algumas canções. A direção musical é de David Tygel
2004	Procuradas	José Frazão/Zeca Pires	Ficção	SC	Trilha de compilação com vários autores. Há duas canções originais de mulheres, uma de Juliana Wosgraus e a outra de Tatiana Coubbett
2005	Celeste & Estrela	Betse de Paula	Ficção	RJ	Milena Tibúrcio assina duas canções originais. A trilha principal é de André Moraes.
2006	Canta Maria	Francisco Ramalho Jr.	Ficção	SP	Daniela Mercury e Gabriel Povoas são autores de três canções originais. A trilha principal é atribuída a Dimi Kireeff
2009	A Festa da Menina Morta	Matheus Nachtergaele	Ficção	RJ	Fátima Santágata assina uma canção original. A trilha principal é creditada ao Matheus Nachtergaele.
2010	José e Pilar	Miguel Gonçalves Mendes	Documentário	SP	Adriana Calcanhotto é autora de uma canção original. A trilha possui várias músicas, cada uma de um autor diferente.
2011	Riscado	Gustavo Pizzi	Ficção	RJ	Leticia Novaes (Letrux) assina uma canção original. A direção musical é de Lucas Vasconcellos.
2012	Área Q	Gerson Sanginitto	Ficção	RJ	Claudia Albuquerque é autora de uma canção

					original. A trilha principal é de Perry La Marca.
2015	Tudo que Deus Criou	André da Costa Pinto	Ficção	RJ/PB	Val Donato assina uma canção original. As demais são de Nervoso e Rangel Júnior.
2015	A Viagem de Yoani	Peppe Siffredi/Raphael Bottino	Documentário	SP	Marina de La Riva assina uma canção e Ruben Feffer é creditado pela trilha principal.
2015	Ouro, suor e lágrimas	Helena Sroulevich	Documentário	RJ	Teresa Cristina é creditada por uma canção original. As demais são de Léo Cruz, Rafael Barbedo e Rodrigo Andrade.
2018	A Moça Do Calendário	Helena Ignez	Ficção	SP	Filme com trilha de compilação. Helena Ignez é responsável pela seleção musical e co-autora de três canções, sendo uma delas com Iara Rennó .
2018	My Name Is Now, Elza Soares	Elizabete Martins Campos	Documentário	MG	Elza Soares compôs uma canção original para o filme.
2019	De Peito Aberto	Graziela Mantoanelli	Documentário	SP	Isadora Canto compôs uma canção original e a trilha principal é de Ramiro Murillo.
2019	Cinderela Pop	Bruno Garotti	Ficção	RJ	Paula Pimenta é autora de uma canção original. A trilha principal é de Daniel Lopes e Music Solution

Fonte: Elaboração das autoras

Conforme vemos no Quadro 5, nesta categoria 18 compositoras contribuíram com ao menos uma canção original em 16 filmes. Dentre esses, apenas um é do Sul (Santa Catarina) e há também uma coprodução entre Rio de Janeiro e Paraíba, representando o Nordeste. Os demais 13 filmes são do Sudeste: sete do Rio de Janeiro (além da coprodução), cinco de São Paulo e um de Minas Gerais. Embora nenhum nome feminino se repita nessa categoria, figuram compositoras amplamente reconhecidas na música popular brasileira, como Adriana Calcanhotto, Letrux, Teresa Cristina, Daniela Mercury e Elza Soares.

Dos 16 filmes listados, apenas seis têm mulheres na direção. Esses títulos incluem três ficções (duas do RJ e uma de SP) e três documentários (um do RJ, um de SP e um de MG). Na maioria dos casos, as canções originais compostas por mulheres aparecem em filmes nos quais homens assinam a trilha principal ou a direção musical. A exceção é Elza Soares, única creditada individualmente por uma canção original que compôs para o documentário que é

sobre a carreira artística dela⁵. Vale reforçar que, nesta amostra, a predominância novamente recai sobre as obras de ficção (11), seguidas pelos documentários (cinco).

Conclusão ou considerações finais

No artigo em que apresentamos os primeiros resultados desta investigação (MIRANDA, TAÑO e SOUZA, 2025), já havíamos evidenciado, além da previsível baixa representatividade feminina, que o modo como as mulheres conseguem se inserir na composição de trilhas musicais apresenta diferenças marcantes. Agora, com a análise completa de todos os dados coletados, essas diferenças aparecem de forma ainda mais evidente.

Dos 1.463 filmes com trilhas musicais originais analisados, apenas 5,4% contaram com a participação de mulheres na composição. E mesmo nesses casos, a presença feminina costuma ser limitada e muitas vezes periférica — seja em coautorias assimétricas, na criação de músicas adicionais ou de canções pontuais. Das 63 compositoras identificadas, apenas 16 assinaram sozinhas ao menos uma trilha musical, e apenas sete conseguiram coautorias simétricas, onde há equilíbrio no processo criativo e nos créditos.

Entre as compositoras que mais aparecem nos cinco quadros apresentados, três nomes se destacam: Flávia Ventura Tygel, Vivian Aguiar-Buff e Tami Belfer. Flávia lidera o grupo, com oito participações: uma autoria integral, três coautorias simétricas, uma coautoria assimétrica e duas trilhas adicionais. Vivian se destaca por ser a única a ter composto integralmente três trilhas musicais, além de duas participações em coautorias (uma simétrica e uma assimétrica). Já Tami aparece nos créditos de três filmes: dois como co-autora (uma simétrica e uma assimétrica) e um como responsável por música adicional.

Não é coincidência que essas três compositoras — junto de Mariana Camargo, que assina sozinha a trilhas de dois filmes — se apresentem em seus portfólios como compositoras de trilhas (TYGEL, 2025; AGUIAR-BUFF, 2010; BELFER, s.d.; CAMARGO, 2020). A maioria das demais compositoras exerce outras atividades musicais ou artísticas como principal ocupação. Por exemplo, nomes como Maria Gadú, Olivia Byington, Fernanda Porto, Daniela Mercury, Letrux, Adriana Calcanhoto, Teresa Cristina e Elza Soares são reconhecidas principalmente no cenário da música popular brasileira. Há ainda mulheres ligadas a outras áreas do cinema que assinaram coautorias ou músicas adicionais, como a cineasta (e atriz) Helena Inez, as técnicas de som Daniela Pastore e Tunica Teixeira, e as atrizes Flora Dias, Morena Catonni e Lorena Lobato.

⁵ Importante frisar que este documentário possui canções de vários compositores diferentes, todas interpretadas por Elza Soares.

Embora nosso recorte seja específico (filmes brasileiros lançados comercialmente entre 1995 e 2019), acreditamos que os resultados da pesquisa, além de quantificar a sub-representação feminina na autoria de trilhas, revelaram pontos importantes: a dificuldade de muitas compositoras em manter uma trajetória contínua na área e o fato de a coautoria, muitas vezes, funcionar como porta de entrada para quem consegue atuar em mais de um projeto. Observamos, por exemplo, que Vivian Aguiar-Buff e Flávia Ventura Tygel começaram compondo em parceria com homens e/ou criando músicas adicionais. Mas o fato de poucas conseguirem permanecer compondo para cinema impede a consolidação de uma carreira sólida, e a baixa circulação de seus trabalhos reforça a invisibilidade de seus nomes e de suas criações.

Reconhecemos, também, os limites deste estudo, que ainda aborda a presença feminina de forma generalizada. Não compactuamos com a ideia de uma “mulher universal” — que não leva em conta abordagens interseccionais, desconsiderando as diferentes identidades, experiências e realidades. Por exemplo, entendemos que identidade de gênero não necessariamente corresponde ao gênero atribuído a um nome. Entretanto, como ainda não temos a auto declaração de todas as pessoas identificadas, optamos por usar o nome corrente, cruzando dados com sites, entrevistas e notícias para compreender como se identificam e/ou são identificadas. Numa próxima etapa, pretendemos entrevistar as 63 compositoras encontradas, aprofundando a investigação e dando voz às suas trajetórias e experiências de forma mais plural. Ainda assim, acreditamos que é urgente reconhecer e valorizar o trabalho dessas profissionais e esperamos que nossa pesquisa possa inspirar ações para combater a histórica desigualdade de gênero na criação musical.

Referências

- AGUIAR-BUFF, Vivian. Vivian Aguiar-Buff Music Supervisor, Director of Music, 2010. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/vivian-aguiar-buff-8b090126/>. Acesso em 02 maio 2025.
- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Rio de Janeiro: Ed. Letramento, 2018.
- ANZALDÚA, Gloria. La consciência mestiza/ Rumo a uma nova conciencia. *Revista Estudos Feministas*. Tradução de LIMA, Ana Cecília Acioli. Florianópolis, vol. 13(3), set-dez, p. 704-719, 2005.
- BELFER, Tami. Sonora, s.d. Disponível em: <https://www.sonora.tv.br/tami-belfer>. Acesso em 02 maio 2025.
- CAMARGO, Mariana. Mariana Camargo: composer and music producer for film, television, theater, vídeo game and concert music, 2020. Disponível em: <https://www.marianacamargo.com/>. Acesso em: 23 maio 2025.
- CINEMATECA BRASILEIRA. *Base de dados: filmografia brasileira*. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 2024.
- CITRON, Marcia. *Gender and the Musical Canon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. In M.A. Fineman. *The public nature of private violence*. London: Routledge, 2013. p. 93-118.
- CURIEL, Ochy. Hacia La construcción de un feminismo descolonizado. In. MIÑOSO, Yuderlys Espinosa (org.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. vol. I. Buenos Aires: En La Frontera, 2010, p. 69-78.
- CUSICK, Suzanne. Gender, Musicology and Feminism. In COOK, Nicholas; EVERIST, Mark. *Rethinking Music*. Oxford University Press, 2001, p.471-499.
- MACHADO. Maria Aparecida Gomes. *Esther Scliar - Um Olhar Perceptivo*. Dissertação (Mestrado em Artes), Escola de Comunicação e Artes, USP, 2002.
- McCLARY, Susan. *Feminine endings: musica, gender and sexuality*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.
- MIRANDA, Suzana Reck; TAÑO, Debora Regina e SOUZA, Geórgia Cynara Coelho. Trilhas musicais de mulheres no cinema brasileiro da década de 2010. *Intexto*. Porto Alegre, n.57, e-143477, 2025.
- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. “Pesquisando as compositoras brasileiras no século XXI”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 2018, p. 181-192.
- NEIVA, Tânia Mello. *Mulheres brasileiras na música experimental: uma perspectiva feminista*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Música da UFPB). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2018.
- _____. Música experimental, mulheres, feminismos e a força da arte progressista. *Debates - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música*, v. 22, p. 1-31, 2019a.
- _____. Engaged Sonorities: Politics and Gender in the Work of Vanessa De Michelis. In: Rui Chaves; Fernando Iazzetta. (Org.). *Making It Heard*. 1ed. New York: Bloomsbury, v.1, p. 65-76, 2019b.
- _____. The field is mined and full of “minas”: women’s music in Paraíba - Kalyne Lima and Sinta A Liga Crew. In: Isabel Nogueira; Linda O Keeffe. (Org.). *The Body in Sound, Music and Performance*. 1ed. OXON, UK: Routledge - Taylor & Francis Group, 2022, v. 1, p. 65-76.
- NOGUEIRA, Isabel Porto; CAMPOS, Susan Fonseca (orgs.). *Estudos de gênero, corpo e música*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013.
- NOGUEIRA, Isabel Porto. Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas. *Revista Vórtex* v. 5, p. 1-20, 2017.
- _____. “Vozes, sons e herstories: tecendo a pesquisa feminista em música experimental no Brasil”. *Debates - Cadernos do Programa de Pós-graduação em Música da UNIRIO*. v. 1, p. 53-83, 2019.
- _____. Porto Cartas do Deserto: reflexões para uma pesquisa artística feminista e decolonial. *TRANS – Revista Transcultural de Música*. v. 26, p. 1-19, 2022.
- OCA-ANCINE. *Listagem dos Filmes Brasileiros Lançados Comercialmente em salas de exibição - 1995 a 2022*. Brasília: Agência Nacional do Cinema, 2023.
- INTERNET MOVIE DATABASE PRO. *Movie Database*. [S.l.: s.n.]. 2024. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- ROSA, Laila; IYANAGA, M.; HORA, E.; SILVA, L.; ARAUJO, S.; MEDEIROS, L; ALCANTARA, N. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: algumas reflexões. In: I.P. Nogueira, S.F. Campos (orgs.). *Estudos de gênero, corpo e música*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p. 110-127.
- ROSA, Laila. “Trânsitos e conexões sagradas, feministas e musicais de Abya Yala entre Brasil e México”. *REBEH - Revista Brasileira de Estudos de Homocultura*, v. 2, p. 30-50, 2019.

_____. "Música y violencia: narrativas de lo divino y feminicidio". *Andamios*, v. 15, p. 147-175, 2018.

TYGEL, Flávia. *Flávia Tygel Música Original Score*, 2025. Disponível em: <http://flaviatygel.com.br> . Acesso em: 02 maio 2025.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZERBINATI, Camila D; NOGUEIRA, Isabel p. e PEDRO, Joana M. "A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais." *Descentrada: Revista interdisciplinaria de feminismos y género*. v.2. n. 1, 2018.

